

**SEMINÁRIO ANUAL DA ARTICULAÇÃO DAS ESCOLAS E REDE DE  
ASSESSORES – CEFEP**

23 a 26 de março de 2023 – CCM / Brasília

**Análise de conjuntura eclesial**

*Cesar Kuzma – PUC-Rio*

- ✓ Saudação / agradecimentos / apresentação inicial
- ✓ Fala de abertura e exposição

**Introdução**

**1. De onde partimos: Francisco, sinodalidade e reflexos na Igreja do Brasil**

**1.1. 10 anos do Pontificado de Francisco e o desafio da sinodalidade**

No último dia 13 de março, tivemos a grata alegria de celebrar 10 anos do Pontificado do Papa Francisco. Uma data simbólica e carregada de significados e implicações eclesiológico-prático-pastorais, como, na verdade, tem sido o caminhar deste pontificado ao longo destes anos. Entendemos que, devido a sua importância, este seria um ponto fundamental e necessário para começarmos a nossa reflexão e análise em nível eclesial, pois (1) Francisco trouxe um olhar novo à Igreja e nos convida a um novo dinamismo eclesial, a uma nova etapa na ação evangelizadora (EG n. 17), a uma “Igreja em saída” e a todas as periferias (EG n. 20-24), sejam elas existenciais e/ou sociais; (2) Francisco é o primeiro papa fruto do Concílio Vaticano II (digamos assim) e o primeiro papa latino-americano, tendo vivido e se alimentado das riquezas produzidas pela Igreja da América Latina (de Medellín até Aparecida) e pela *Teologia del Pueblo*, caso específico na Argentina, como expressão da teologia latino-americana (ver: J. C. Scannone, 2017); (3) Francisco é uma voz profética e de autoridade moral na Igreja e no

mundo de hoje. Provavelmente, hoje, ele é a única liderança em nível mundial que se opõe a pautas totalizantes e discriminatórias e seus pronunciamentos possuem recepção em diversas localidades (sociais, políticas e religiosas) e apontam realidades concretas e urgentes da sociedade. Destacamos aqui: (a) a sua atitude frente aos refugiados e migrantes (episódio de Lampedusa, ainda em 2013), sendo a viagem a Lampedusa uma das primeiras ações de Francisco em direção a esta “saída”, na prática e ao que é real e urgente; (b) seu discurso em favor dos pobres e empobrecidos pelo sistema do capital e pela injustiça social – Francisco traz os pobres novamente ao centro do debate da Igreja e dá a eles um suporte teológico e oficial em seu magistério (EG n. 198). Para ele, a inclusão social dos pobres é um dever de cada cristão e de cada comunidade (EG n. 187), um chamado que deriva da graça que habita em nós (EG n. 188), portanto, é evangelização, o que exige mudança de estruturas sociais e eclesiais, em atenção a este clamor (EG n. 188), um clamor que traz rostos que doem em nós (usando aqui uma expressão de Aparecida). A opção pelos pobres implica em construir uma “Igreja pobre para os pobres”, na fidelidade ao Evangelho que nos sustenta (EG n. 198); (c) a dimensão social de sua missão, como no caso dos 3 Ts: “nenhum trabalhador sem terra, nenhum trabalhador sem casa, nenhum trabalhador sem trabalho”, e já na EG, no capítulo IV, ele aponta para a dimensão social da evangelização. Para Francisco, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG n. 176), e, para isso, temos as repercussões comunitárias e sociais do querigma. O que implica esta “alegria”? Qual é o seu conteúdo? Entra aí a questão dos pobres, a questão econômica, política, social, a questão da paz e as forças necessárias para a sua construção; (d) a questão ecológica e de aquecimento global, a defesa de povos originários e suas culturas, apenas para trazer alguns exemplos.

Em nível mais eclesial, observamos que há uma nova forma de pastorear a Igreja e com ela o convite para a sinodalidade, que não é outra Igreja ou uma “moda”, mas uma nova forma de ser Igreja, onde “todos” são chamados à responsabilidade e onde “todos” são convidados a viver autenticamente a sua vocação batismal, num caminhar conjunto e em esperanças que se fazem coletivas: uma “Igreja sinodal”. Para isso, Francisco resgata aspectos fundamentais do Concílio Vaticano II, em especial, a eclesiologia do Povo de Deus, da LG (cap. II), ao dizer, no n. 111 da EG, que a Igreja “é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as suas raízes na Trindade, mas que tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende

toda e qualquer necessária expressão institucional”. Assim, olhando para Francisco em nível global, num olhar maior, temos a novidade de sua pessoa e sua proposta missionária/pastoral, a coragem e a liberdade com que trata certos temas e a liberdade com que permite que diversos temas e abordagens se façam presentes, mesmo quando a abordagem dos temas não coincidem com o seu pensamento. Olhando para os dois últimos pontificados, este é um avanço imenso. Depois, a Igreja Católica com Francisco voltou a ter uma relevância global e as decisões da Igreja ou as repercussões de suas ações ganham manchetes e debates diversos, na grande mídia, em redes sociais e em grupos e comunidades. Acrescenta-se a isso o aumento da tecnologia e o uso dos meios de comunicação digitais por parte da Igreja. Em sua postura, há alguns deslocamentos que favorecem outras intencionalidades, que antes eram desprezadas ou não observadas com tamanha atenção. Francisco não apenas convida a Igreja a ir para as periferias, ele traz as periferias ao centro e este gesto oferece outro tom aos debates e aquilo que se constrói como discurso eclesial.

Devemos dizer também que este jeito Francisco de pastorear a Igreja gera, por um lado, apreço e admiração, mas por outro, gera conflitos, e a oposição ao papa é grande, até mesmo violenta e fortemente articulada em alguns lugares. Desde o lançamento da Exortação *Evangelii Gaudium*, algumas vozes críticas e ofensivas passaram a fazer parte deste processo e este cenário se torna mais conflituoso durante as duas sessões do Sínodo da Família (2014 e 2015), que leva à Exortação *Amoris Laetitia*. Isso segue. Mais tarde, com o Sínodo da Amazônia e, de forma mais recente, com o Sínodo da Sinodalidade e já mirando a um possível fim do pontificado, estes embates ficaram mais fortes e frequentes. Esta oposição se dá de três maneiras específicas: 1) modo explícito, por autoridades episcopais e outras lideranças; 2) na recusa de suas propostas; 3) na indiferença e na falsa recepção de sua palavra. Observamos este movimento mais nos EUA e na Europa, embora na América Latina e no Brasil estas vozes contrárias também se fazem presentes. De fato, Francisco gerou esperanças e suas atitudes iniciais fizeram despertar um sentimento de primavera que estava recluso. Passados 10 anos, muita coisa mudou e novos cenários e atores se fazem presentes. Lideranças conservadoras que antes faziam parte da Cúria Romana e ocupavam altos cargos, hoje já não se fazem tão presentes. Há uma mudança em relação a estes movimentos eclesiais e novas vozes, algumas femininas, outras teológicas e de periferias passam a ocupar este cenário. Evidentemente que há limites em Francisco, como pessoa, bem como na sua ação e legado que vai se construindo com os

anos. Aquela primavera ainda é esperada e, mesmo que se sinta o frescor, muita coisa ainda fica sem resposta. Bons passos foram dados, como a reforma da Cúria Romana e o acento forte à evangelização, mas outros ainda são necessários e tudo leva a crer que ainda há um tempo para se construir tudo isso. “O tempo é superior ao espaço”, disse Francisco na EG (n. 222) e este é um de seus princípios. Muitas respostas ainda são aguardadas e observamos que Francisco parece criar processos para que estas respostas sejam discernidas, meditadas e construídas pelas comunidades, podendo ter diferentes respostas em diferentes lugares onde o Evangelho é apresentado, e isso não é necessariamente um problema, (AL, n. 3), pois faz parte do caminho pastoral, sinodal e do contexto sociocultural de cada comunidade. Não há respostas prontas para uma Igreja que necessita caminhar rumo a uma maturidade eclesial e que esteja atenta aos sinais dos tempos, a fim de oferecer uma voz verdadeira e legítima para os nossos dias.

## **1.2. Ressonância do Pontificado de Francisco na América Latina, especificamente no Brasil**

A resposta é imediata, pois, desde o primeiro momento, Francisco ofereceu à Igreja e ao mundo um novo olhar do pastor, sensível e simples para com estas realidades. A relação Brasil e Argentina também ajudou, pois Francisco demonstra conhecer e apreciar o Brasil (desde o futebol, a política, carnaval e a “cachaça”) e a experiência vivida por ele em Aparecida (2007) foi um marco importante. Uma Igreja de discípulos missionários faz parte do vocabulário de Bergoglio e ele leva isso à Igreja universal (EG n. 119-121). Outro ponto importante foi a viagem a JMJ no Rio de Janeiro, em 2013, onde pôde sentir o calor afetuoso de nosso povo, em especial da juventude, dando a ele, no seu início, um encoramento e apoio necessários. Não se ignora a experiência amazônica (seja pelo Sínodo, documento QA e abordagem ambiental da LS) e a sensibilidade demonstrada com os nossos problemas políticos e sociais, desde o impeachment da Dilma até a eleição de Lula, ano passado.

Um aspecto positivo que trazemos à mente é o ânimo que Francisco trouxe às nossas comunidades e agentes de pastoral, um chamado para um novo tempo, a uma nova etapa eclesial. A partir de suas palavras, gestos e documentos, houve um fortalecimento de nossas ações pastorais e sociais, muitas delas como base da Igreja Católica do Brasil. Destacamos aqui a mensagem de Francisco para o Ano do Laicato (2018), para os

Encontros Intereclesiais das CEBs e para as Campanhas da Fraternidade. As pessoas se sentem próximas e há em Roma, agora, um papa diferente, um papa que parece reproduzir e repetir aquilo que por algumas décadas e anos foi pregado, praticado e insistido por nossas lideranças e pela nossa teologia. Há um encorajamento para a questão dos pobres e para as urgências sociais. Em uma carta à América Latina, em 2016, Francisco faz a memória da luta de muitas lideranças leigas pela redemocratização do continente e destaca o papel frutuoso de muitas mulheres. Isso se pode dizer também em relação aos jovens. Se há aqui um continente de esperança, Francisco pede que não deixemos que nos roubem a esperança. Se há no Brasil a força de nossa alegria, que esta alegria se realize com o Reino que somos chamados a construir, com justiça, igualdade e paz social.

Todavia, também aqui no Brasil podemos ver algumas dificuldades. São pontos que refletem os 10 anos de Francisco e nos tocam de modo atual, trazendo consequências e desafios que não são fáceis de serem superados. Sim, os avanços e entusiasmos com Francisco são muitos e ele é um bem à Igreja. Porém, também aqui há resistências e grupos que apostam contra ele. Diferente do que ocorre nos EUA e na Europa, não vemos no Brasil uma oposição explícita a Francisco, a não ser de grupos ultrarreacionários, mas sim, vemos aqui no Brasil aquilo que caracterizamos como duas outras formas de se fazer oposição: a recusa de sua proposta e a indiferença ou falsa recepção de sua palavra. Somos um país continental, com uma grande população católica, com milhares de sacerdotes e mais de 400 bispos. Temos no histórico da Igreja do Brasil os avanços críticos e reflexivos trazidos pela teologia conciliar, das Assembleias Gerais do CELAM, pelos documentos da CNBB e pela Teologia da Libertação, mas também temos aqui as vozes contrárias e restauracionistas em relação ao Concílio e negativas ao que nos trouxe a Teologia da Libertação, e para com a CNBB. Temos no Brasil um uso massivo de grande parte da mídia católica, em geral conservadora e intimista, por vezes devocional e sem criticidade, que faz com que os grandes avanços e as grandes novidades de Francisco, da CNBB, do CELAM e do próprio Vaticano II passem ao longe. Alguns falam em magistério paralelo (João Décio Passos). Este é um fato. Este fenômeno ocorre de modo diferente em cada região e diocese, é verdade, mas é um fato. Se pelos anos 90 e 2000 tivemos um grande levante e acento dos grupos e movimentos carismáticos católicos, em anos recentes, o que vemos com mais força é o crescimento de grupos tradicionalistas, ultraconservadores, que recusam tudo o que vem após o Vaticano II e, como consequência, toda a ação crítica, construtiva, pastoral e sugestiva da Igreja do Brasil é demonizada e violentamente

atacada, seja em redes sociais, canais de internet, ou mesmo em comunidades. Alguns grupos possuem grandes entradas em espaços eclesiais e de mídia, outros recebem certo apoio ou indiferença das autoridades eclesiais e atuam livremente, mesmo discursando contra a própria Igreja. Além das mídias, podemos ver este fenômeno muito forte em meio aos jovens e nos seminários, sendo, em muitos lugares, a base com a qual se formam os futuros sacerdotes (ver: Brighenti, A. *O novo rosto do clero*, Vozes, 2021). Isso traz críticas a Francisco e impedem que sua proposta de Igreja em saída e sinodal se torne uma realidade, por mais que se fale nelas e sobre elas. São jargões, palavras soltas, mas de uma árvore que não produz frutos, ou os frutos pretendidos.

Não queremos dizer com isso que não possa haver críticas a Francisco e a sua forma de governar. Entendemos que sim, e elas fazem parte, quando são construtivas, dialógicas e feitas num amor fraterno e em comunhão. Como dissemos, há avanços em Francisco, mas também há limites em sua pessoa e em sua percepção. Há muitos pontos e pautas que mereceriam uma atenção e uma dedicação e o tempo futuro pode favorecer a isso, seja na questão eclesial, pastoral, seja em temas de gênero, no papel das mulheres e numa resposta mais efetiva contra o clericalismo, etc. Mas são processos. O que reproduzimos acima vem como um grande desafio pelo fato de este movimento ter crescido em nosso meio e, talvez (e aqui precisaria um estudo mais aprofundado), não demos a devida importância e atenção necessárias. São ações agressivas que, juntamente com a pauta eclesial unem a pauta política e se enveredam por linhas perigosas e danosas à democracia e a paz social. No caso específico do Brasil, há certa sintonia de pensamento e opções por quem recusa Francisco, o Concílio, a CNBB e as demandas sociais para com grupos políticos de extrema-direita, violentos, em linguagem excludente, racistas e em propagadores de ódio e Fake News. É um cenário perigoso e isso tudo vai além do fato de alguém ser conservador. Estamos diante de um fato de não diálogo e de palavras e ações totalmente dissonantes com o Evangelho, por mais que se apresentem com roupagens católicas e tradicionais...

Um ponto crítico em relação a Francisco na Igreja do Brasil e que ganha grande consenso é com relação as nomeações episcopais. Se, em algumas regiões, há boas nomeações e elas se fazem proféticas e somam com a causa de uma Igreja em saída e missionária, há, em outros casos, uma tendência mais carreirista e clericalizante de todo processo eclesial, o que demonstra que a agenda de Francisco passa um tanto distante destas determinações e nomeações. Por mais que Francisco anime as comunidades e

encoraje o surgimento de novas lideranças e novas experiências eclesiais, as estruturas que geram tais nomeações ou governanças eclesiais, em certos lugares, trazem dificuldades. Não é de hoje que a questão do poder na Igreja é um tema urgente, e acreditamos que esta condição deve ser levada em conta e deve ser debatida. Quando, em um ano como 2023, temos a eleição para uma nova presidência da CNBB e demais cargos diretivos, este cenário torna-se preocupante. Sem contar o fato das Igrejas locais, quando as lideranças eclesiais não se empenham nos temas emergentes, como a sinodalidade, pastoral, os temas da CF ou outras pautas públicas que reclamam da Igreja uma atenção necessária. Isso só demonstra que o clericalismo ainda é uma chaga presente e que tem muita força na Igreja do Brasil. Como diz Francisco, o clericalismo é a causa de muitos outros males e sem esta superação a Igreja não avança em outras frentes e possibilidades. Uma Igreja clericalizada é o oposto de uma Igreja sinodal. Uma Igreja clericalizada é autorreferencial, portanto, nunca será uma Igreja em saída. Uma Igreja clericalizada nunca olhará para a necessidade de reforma de suas estruturas, pois estas mesmas estruturas alimentam e formam para o clericalismo. Este é um grande desafio e por mais que haja na Igreja do Brasil um enorme respiro pastoral e missionário, isto é uma verdade, muito mais do que em outros países da América Latina, em alguns lugares, este problema do clericalismo é constante e ele impede avanços e desconstrói processos.

Há uma rica história da Igreja do Brasil, tanto em lideranças eclesiais como Dom Hélder, Dom Paulo, Dom Luciano, Pedro Casaldáliga e outros, como em lideranças leigas e religiosas, como Dorothy, Zilda Arns e tantas outras. A Igreja do Brasil é o que é e tem o respeito que tem pela história de pessoas que deram a vida pelo Reino. O Brasil também é um país de mártires e a fé cristã e católica pulsa em nossas bases e periferias. Se Francisco nos convida a uma alegria e a uma nova esperança, para muitos, esta alegria e esperança já eram companheiras de caminhada e agora, com Francisco, encontram um apoio e um respeito. Este é o grande legado, é a grande história, e ela deve ser encorajada frente aos novos e grandes desafios. Um fato é: Francisco oferece elementos construtivos para a Igreja do Brasil. Nunca um papa nos foi tão próximo. Aproveitar isso e intensificar é uma tarefa inadiável.

## **2. Para onde vamos: desafios urgentes e atuais da Igreja do Brasil**

### **2.1. Desafios da Igreja para si mesma:**

- ✓ O que queremos com a Igreja do Brasil? O que trazemos de nossa história, como caminhada de luta e de realizações, em favor dos pobres, pela justiça, pelo bem comum, pela paz, pela igualdade, em defesa da democracia e de direitos humanos e sociais. Que voz somos e que voz queremos ter?
- ✓ Para onde caminhamos como Igreja do Brasil? Estamos hoje pendendo mais para um lado libertador, mais próximo a Francisco e ao que se construiu na história da Igreja da América Latina, ou para outro lado, mais conservador e de linha/tendência Restauracionista.
- ✓ Como resgatar o ardor missionário e criativo que trouxemos do Concílio e que vivenciamos de forma profética em Medellín até Aparecida?
- ✓ Como ser uma Igreja em saída e onde estão e quais são as nossas periferias?
- ✓ Como ser uma Igreja sinodal e quais são os desafios para se construir sinodalidade? Ela não é algo pronto, mas um convite à construção, com todos. Há todo um processo vivido na Assembleia Sinodal, nas etapas do Sínodo, mas aquilo que é discutido e levantado nem sempre chega à realidade concreta de muitas comunidades. Falta formação, falta interação, falta comunicação e falta sentimento de pertença e de responsabilidades coletivas.
- ✓ O que trazemos como consequência do Ano do Laicato no Brasil?
- ✓ O que trazemos como consequência do Ano da Vida Consagrada no Brasil?
- ✓ A superação de estruturas clericalistas e de exclusão. O clericalismo, um grande desafio. Estruturas e agentes que o alimentam.
- ✓ Desafios em relação aos novos movimentos eclesiais católicos, sejam as novas comunidades de fé e vida seja a nova concepção e realidade que vivenciamos nas CEBs. Desafios em relação aos movimentos contrários ao Concílio, CNBB, Francisco. Hoje, tudo se torna público. As críticas se tornam públicas e a Igreja não está isenta de sofrer discursos de ódio. Como trabalhar com isso?
- ✓ Desafios em relação ao ecumenismo e ao pluralismo religioso, tão presente em nosso país. Diálogo, entendimento, compreensão, passos que já foram dados e que outros passos somos chamados a dar em cada realidade.



- ✓ A voz da Igreja: quem fala pela Igreja e o que fala? Quem ouve a Igreja e a quem ouve?
- ✓ O desafio das mídias católicas, dos influencers e youtubers católicos.
- ✓ A voz da Igreja frente aos desafios políticos e sociais – presença, limites e ausências.
- ✓ Divisão e polarização na Igreja do Brasil.
- ✓ O apoio de lideranças eclesiais a candidatos que atentam contra a democracia e o estado de direito.
- ✓ A polarização política em nossas comunidades eclesiais.

## **2.2. Desafios da Igreja para fora:**

- ✓ O papel político da Igreja Católica do Brasil e as relações institucionais que possui com as instituições democráticas.
- ✓ O diálogo entre fé e política, a laicidade do estado, a garantia democrática, o ensino social da Igreja e os desafios de ver nascer no congresso uma “bancada católica”, que esteve na base do governo Bolsonaro, que teve membros envolvidos nos ataques do dia 08 de janeiro e que se alia a outras bancadas do congresso para tratar de temas que são sensíveis à sociedade, como aborto, família, gênero, mulher, direitos humanos, maioria penal, exclusão social etc. Entra aí a formação e a preparação dos agentes públicos e o real entendimento da ação política, daquilo que se espera de alguém que assume publicamente o papel de ator político, como parlamentar, ou outro cargo.
- ✓ A distância que existe entre o Ensino Social da Igreja, as propostas de Francisco e a realidade de muitos cristãos e comunidades.
- ✓ O trabalho produzido pelas Campanhas da Fraternidade e demais ações de solidariedade – acentos positivos e as resistências.
- ✓ O trabalho da Igreja Católica na Amazônia e com os povos originários.
- ✓ O trabalho da Igreja Católica nas periferias e áreas de grande vulnerabilidade: o trabalho institucional (organismos), pastorais e de agentes de pastoral.
- ✓ O trabalho da Igreja Católica sobre a exploração da terra e mineração.
- ✓ O trabalho na educação, em diversos níveis.
- ✓ O trabalho nas diversas frentes ecumênicas e de diálogo inter-religioso, na proteção das pessoas e na questão do estado laico.

- ✓ O trabalho com os migrantes e refugiados.
- ✓ O trabalho com os defensores de Direitos Humanos, na promoção e na proteção.
- ✓ O projeto “reencantar a política” – tarefa fundamental para as eleições do ano passado.
- ✓ O uso das mídias digitais e a comunicação da Igreja.
- ✓ A experiência histórica das nossas comunidades e pastorais, CEBs, pastorais de juventude, pastorais sociais, etc. A Igreja Católica no Brasil tem um histórico de uma presença ativa

### **Conclusão**

- ✓ Viver o momento dos 10 anos de Francisco e se preparar para um pós-Francisco.
- ✓ Com quem percorremos este caminho? Nossos companheiros de caminhada (pela data, Oscar Romero, mas trazer outros/outras)
- ✓ A relevância do que somos e do que queremos ser como Igreja do Brasil, hoje.
- ✓ A problemática estrutural
- ✓ O compromisso social e político como proposta de evangelização – o Reino de Deus se faz presente.
- ✓ Agradecimentos...